

# ENTRE A GINGA E A RELAÇÃO COM O SABER NA RODA DE CAPOEIRA: NOTAS SOBRE O RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UM JOVEM CAPOEIRISTA EM MACEIÓ/AL

## BETWEEN GINGA AND THE RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE IN THE CAPOEIRA WHEEL: ANALYSIS OF THE EXPERIENCE REPORT OF A YOUNG CAPOEIRIST IN MACEIÓ/AL

Igor Rafael Bispo Santos 1  
Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso 2  
Roseane Maria de Amorim 3  
Rosemeire Reis 4

**Resumo:** Objetiva-se compreender a relação com o saber estabelecida por um jovem na roda de capoeira. O grupo de capoeira observado neste trabalho se reúne em uma das praças no Conjunto Eustáquio Gomes de Melo, Cidade Universitária, Maceió, Alagoas. A capoeira é considerada um espaço de formação, contrariando o pensamento de que somente a escola, como instituição formal de ensino, é capaz de ensinar os saberes. A LDBEN (n.º 9.394/96), em seu artigo primeiro, parte de um conceito de educação que abrange todo processo de formação que pode ocorrer em diversos lugares, entre eles, as manifestações culturais. Nesse sentido, o jovem entrevistado nesta pesquisa mostra que a roda de capoeira vai além de uma luta ou dança, “ela forma para a vida” e identidades. Classificada como uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados, a entrevista como prática reflexiva na perspectiva de Szymanski (2008) e observação in loco. A capoeira como instrumento da ancestralidade permite o fortalecimento da identidade, do pertencimento e da subjetividade dos jovens negros e não negros, permitindo maior posicionamento da pessoa na sociedade.

**Palavras-chave:** Ancestralidade. Capoeira. Juventude. Relação com o saber.

**Abstract:** This article aims to understand the relationship with knowledge established by a young man in the capoeira circle. The capoeira group observed in this work meets in one of the squares in the group Eustáquio Gomes de Melo, Cidade Universitária, Maceió, AL. Capoeira, recognized as a cultural manifestation, is considered a space for training, contradicting the thought that only the school, as a formal teaching institution, is capable of teaching knowledge. The LDBEN (n. 9.394/96), in its article first, starts from a concept of education that encompasses the entire process of formation that can occur in different places, among them, cultural manifestations. In this sense, the young man interviewed in this research shows that the capoeira circle goes beyond a fight or dance, “he forms for life” and identities. Classified as a qualitative research that had as an instrument of data collection the interview as a reflective practice in the perspective of Szymanski (2008) and observation in loco. Capoeira as an instrument of ancestry allows the strengthening of the identity, belonging and subjectivity of young blacks and non-blacks, allowing greater positioning of the person in society.

**Keywords:** Ancestrality. Capoeira. Youth. Relationship with knowledge.

- 1 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (PPGH-UFAL), Professor de História dos anos finais e de ensino médio da educação básica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2860335495633937>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8503-4231>. E-mail: [igorrbisposantos@gmail.com](mailto:igorrbisposantos@gmail.com)
- 2 Doutoranda e mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Graduada em Pedagogia na UFAL. Especialista em Psicopedagogia cursado no Instituto Batista de Ensino Superior de Alagoas (Ibesa). Atualmente é professora efetiva da Secretaria de Educação de Maceió (Semed) e desenvolve pesquisa no Grupo de Pesquisa Juventudes, Cultura e Formação (GPEJUV-UFAL), vinculado ao CNPq/Ufal. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4753188012681943>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0112-3155>. E-mail: [lilianbarbara.cc@gmail.com](mailto:lilianbarbara.cc@gmail.com)
- 3 Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Licenciada em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Professora da Universidade Federal da Paraíba. Professora do Departamento de Fundamentação da Educação e do Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Ensino de História pela UFPE. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8200426055017604>. E-mail: [roseane.mda@gmail.com](mailto:roseane.mda@gmail.com); [roseanemamorim@gmail.com](mailto:roseanemamorim@gmail.com)
- 4 Mestre e doutora em Educação: Didática, Teorias de Ensino e Práticas Escolares pela Faculdade de Educação da USP, bolsista produtividade CNPq, com pós-doutorado em Educação em 2012 sob a supervisão do Prof. Dr. Bernard Charlot, pela Universidade Federal de Sergipe (2012), e em 2016/2017, sob a supervisão da Profa. Dra. Christine Delory-Momberger pela Universidade Sorbonne Paris Nord. Líder do Grupo de Pesquisa Juventudes, Culturas e Formação – (GPEJUV -UFAL), vinculado ao CNPq/Ufal. Integra o REPERES (Rede de Pesquisa sobre Relação com o saber) e o GIS Le Sujet dans la Cité (Universidade Sorbonne Paris Nord). É professora no Programa de Pós-Graduação do Cedu-Ufal e dos cursos de licenciatura na mesma instituição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3449113858899262>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1525-3564>. E-mail: [reisroseufal@gmail.com](mailto:reisroseufal@gmail.com)

## A capoeira e a ancestralidade: “o caminho se faz no caminhar”<sup>1</sup>

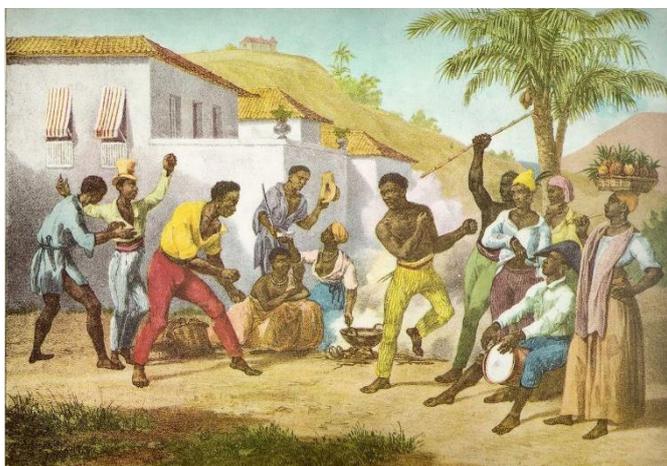
No jogo e na encruzilhada da vida, a força e a sabedoria de nossa ancestralidade iluminam os passos que devemos seguir.  
Roseane Amorim

Conforme anuncia a epígrafe acima, é na ancestralidade que buscamos a força para jogar o jogo da vida com maior consciência de nosso papel no mundo. Tomamos como referência Oliveira (2012) para pensar na ancestralidade. Esta entendida como mais que um conceito ou uma categoria analítica. A ancestralidade pensada como uma experiência de formação cultural que permite a ligação com nossas origens.

Sendo assim, é uma categoria de relação que permite a alteridade, isto é, a troca com os saberes do outro, que vão além dos espaços e tempos específicos. Por isso, a ancestralidade pode ser compreendida como experiência inclusiva da pessoa em um determinado grupo étnico-racial. Ela representa, ao mesmo tempo, uma posição política mais que uma estética da arte e um *religare* com as culturas da geração passada e do presente ao mesmo tempo.

Assim, a capoeira é uma volta ao passado, um caminho que permanece ao mesmo tempo no presente e promove transformação na subjetividade do ser. Na Figura 1, identificamos o processo de interação e troca entre homens e mulheres que construíram nossa história. Um olhar de longe (para o passado) nos faz ver de dentro (para o presente) o que somos hoje.

**Figura 1.** Quadro Jogar Capoeira ou *Danse de la Guerre* do pintor Johann Moritz Rugendas publicada em 1835



**Fonte:** IMBROISI; MARTINS (2016).

O quadro denominado Jogar Capoeira retrata a imagem de negros escravos no ano de 1835, do desenhista, gravador e pintor alemão Johann Moritz Rugendas. Essa obra faz parte do acervo das obras de Rugendas e representa o registro histórico da capoeira no século 19. O pintor veio ao Brasil em 1821 com o intuito de registrar a flora, a fauna, os costumes e a cultura do povo brasileiro (IMBROISI; MARTINS, 2016). O quadro mostra dois negros gingando capoeira enquanto outros negros observam, uns dançando e tocando, outros, como as mulheres, só ficam a olhar.

Os olhares também impõem trocas, conversas e aprendizagem. Essas mulheres, apesar de todo o sistema de opressão masculina, fizeram-se presentes e resistiram de inúmeras formas com seu corpo, com sua presença, com os balaies para venda dos produtos; e olhando para o outro, seu par masculino, no gingado do jogo da vida, promoveram o afeto. A ancestralidade também promove o sentimento de pertencimento, ligado pelo tempo, imemorial. Oliveira (2012, p. 40)

<sup>1</sup> Parafrazeando o poeta espanhol Antonio Machado (1991, p. 93), que diz: “caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar.” verso XXIX.

salienta: “Fruto do agora, a ancestralidade ressignifica o tempo do ontem. Experiência do passado ela atualiza o presente e desdenha do futuro, pois não há futuro no mundo da experiência.” A capacidade da ancestralidade de produzir mundos pautada na ética comunitarista promove um encantamento pelas riquezas sociais vividas e se contrapõe à força dos colonizadores (OLIVEIRA, 2012).

Por outro lado, na ótica dos homens brancos, donos de terra, e daqueles que ocupam espaço do poder econômico no Brasil do século 19, a capoeira foi considerada uma atividade típica de marginais e de escravos vadios, sendo perseguida mesmo depois da abolição da escravatura. Conforme estudos de Carvalho (2004), existia um grupo de resistência no início do século 20, chamado “Os Capoeiras”. A capoeira<sup>2</sup> foi definida pelo jornalista e escritor Alberto Bessa (1861-1938) como jogo de mãos, pés e cabeça praticado por vadios de baixa esfera; ou seja, os negros que praticavam a capoeira eram considerados vagabundos no início do século 20. Essa imagem negativa da capoeira se espalhou ao longo do tempo e, ainda hoje, encontramos muitos preconceitos e termos de marginalização referidos a essa manifestação cultural, típica do Brasil; contudo, o outro, o excluído, tomado pela força da ancestralidade, reinventa sua história, inverte a lógica da exclusão e se faz presente.

Escrevemos este artigo considerando o território comunitário, a luta pela inclusão, a força da ancestralidade. Ele teve como motivação inicial as discussões vivenciadas por uma das autoras sobre as relações com o saber e juventudes traçadas na disciplina Juventude e Escolarização ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE- UFAL) em 2018. Na verdade, este trabalho é fruto de um encontro de duas pesquisas, uma em nível de doutorado no PPGE- UFAL, ligada a juventudes e escolarização,<sup>3</sup> e outra, em nível de mestrado relacionada com a temática da capoeira, pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (PPGH- UFAL).<sup>4</sup> Como justificativa, a temática “capoeira” contribui para estudos voltados à cultura afro-brasileira e ao reconhecimento da capoeira como espaço formador dos jovens, em especial negros.

Diante do exposto, neste artigo buscamos compreender a relação com o saber estabelecida por jovens na roda de capoeira. Atrrelados a essa compreensão, buscamos, também, relacionar as conexões estabelecidas pelo jovem entrevistado com a significação de pertencer a um grupo de capoeira. Os capoeiristas que contribuíram para as reflexões deste artigo pertencem ao Grupo Malungos Mandingueiros, que se reúnem em uma praça pública no bairro Cidade Universitária, especificamente, no Conjunto Eustáquio Gomes de Melo I na cidade de Maceió, capital de Alagoas.

A entrevista principal realizou-se com um dos membros do grupo, um jovem de 27 anos, que se encontra ainda na fase inicial de progressão no grupo. Além do jovem, conhecido no grupo como “Doutor”, conversamos com o professor de capoeira do grupo para obter algumas informações sobre a caracterização e o histórico do Grupo Malungos Mandingueiros. Esse grupo foi escolhido por um dos autores deste texto, porque, há algum tempo, mantinha certa ligação com o grupo de capoeira, e por residir nas proximidades, sempre observava que a capoeira dos Malungos Mandingueiros manifestada na praça chamava a atenção dos moradores do conjunto, principalmente dos mais jovens.

A pesquisa, que resultou neste artigo, enquadra-se nos parâmetros da pesquisa qualitativa. Como instrumento de coleta de dados, utilizamos a observação *in loco* e entrevista, seguindo a proposta de entrevista como prática reflexiva do livro *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva* de Heloisa Szymanski (2008). Essa autora estabelece uma forma de entrevista que rompe com a ideia de interrogatório empírico que permeou, por muito tempo, a técnica de

2 Esse conceito foi escrito no dicionário intitulado: A gíria portuguesa: esboço de dicionário de ‘calão’ (BESSA, 1901).

3 Pesquisa de doutorado (PPGE-UFAL) desenvolvida por Lílian Bárbara Cavalcanti Cardoso, membro do grupo de pesquisa Juventudes, Cultura e Formação (GPEJUV-UFAL), com a seguinte temática: “O que você quer ser quando crescer”? As possíveis relações das experiências formativas em escolas de jovens estudantes do ensino médio, regidas pelo Programa Alagoano de Ensino em Tempo Integral (Palei) para seus modos de construir as perspectivas.

4 Pesquisa de mestrado (PPGH-UFAL) desenvolvida por Igor Rafael Bispo Santos, com a seguinte temática: A Princesa e a Liberdade em um duplo olhar maceioense sobre a abolição: análise mnemônica de capoeiristas e monarquistas de Alagoas (2009-2019).

entrevista de pesquisas qualitativas. Durante o processo de coleta de dados, buscamos considerar a complexidade e subjetividade dos protagonistas (entrevistador e entrevistado) e dos contextos sociais em que estão inseridos os fenômenos estudados.

Para tanto, abordaremos a capoeira como espaço formador, as relações com o saber e, por fim, faremos uma análise da fala do entrevistado. Para fundamentar a análise, consultamos autores como Bernard Charlot (2000; 2001), para entender a relação com o saber, e Paiva (2007) para tratar da atividade de capoeira no Brasil.

## **Caminhos por onde andamos: nossa trajetória de pesquisa na trilha das ancestralidades**

O olhar de fora (ao passado) remete ao olhar de dentro (para o presente), e nesse processo há um encontro conosco e com o outro. A força dos nossos ancestrais retorna com uma magia inexplicável...

Roseane Amorim.

Em nosso entendimento, toda pesquisa tem uma história que nasce e se relaciona com o caminho percorrido em nossa vida. Assim, esta seção representa o esforço de narrar a trajetória percorrida até chegarmos à produção final deste artigo. Ao buscar na memória o tempo vivido, realizamos inúmeras reflexões e ressignificações. Nessa perspectiva, nosso olhar se direciona, primeiramente, ao objeto de estudo para, logo depois, explicitar os caminhos trilhados na coleta de dados e no processo de categorização do trabalho. No decorrer da pesquisa, direcionamos nossa “flecha” para a ancestralidade, uma vez que o trabalho com a capoeira remete à produção de sentidos construídos ao longo da História do Brasil por pessoas – seres humanos – que traziam do além-mar seus saberes e conhecimentos, ressignificados e construídos nas terras brasileiras. Como afirma a epígrafe, o olhar de fora remete ao olhar de dentro...

Ademais, se quisermos compreender o mundo à nossa volta, é preciso utilizar outras lentes que não sejam apenas o olhar do conhecimento racional e lógico proposto pelo mundo ocidental. A razão ocidental permeada pelo pragmatismo, pelo cálculo e por sua aridez provocou o embrutecimento do ser humano e o levou ao desencantamento. A ancestralidade traz o simbólico, ressignifica a produção de sentidos e promove uma experiência ética produzida nos saberes coletivos (OLIVEIRA, 2012). Dessa forma, com o olhar de dentro, chegamos à caracterização do objeto de estudo.

## **Caracterização geral do objeto**

A ancestralidade é capaz de adentrar o terreno da nossa subjetividade. É uma ética que promove a sabedoria em nós.

Roseane Amorim

A roda começa, e o som do berimbau, atabaque, agogô é alto. As pessoas se achegam e vão logo batendo palmas. Os capoeiristas entram na roda a dançar e mostrar sua destreza, e o povo fica a observar e se movimentar. Essas são as primeiras impressões de quem observa uma roda de capoeira de rua. É a sensação de quem olha a roda de capoeira dos Malungos Mandingueiros na praça. É no jogo, na interação, que o encantamento se expressa. No dizer de São Bernardo (2018, p 231): “A ancestralidade é vivida a partir da singularidade da experiência do corpo e do mito desde a cultura de matriz africana. O corpo como tecido escritural e simbólico para conhecermos o mundo.”

Não podemos esquecer que a ancestralidade dialoga com a categoria de pertencimento. Nesse sentido, permite a compreensão como sujeitos individuais e, ao mesmo tempo, como pessoas coletivas (OLIVEIRA *apud* FERNANDES; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2020). É no diálogo entre a experiência singular e a coletiva, entre o corpo e a cultura, entre o passado e o presente que

somos reconstruídos. O coletivo é a força que permite o pertencimento do outro no processo de alteridade. Sendo assim, a pesquisa ora desenvolvida permite olhares diversos para a trajetória percorrida.

Por isso, a pesquisa que resultou neste artigo realizou-se com um grupo de capoeiristas que se reúnem em uma praça central do Conjunto Eustáquio Gomes de Melo I no bairro Cidade Universitária. Segundo o professor “Sururu”, líder do Grupo Malungos Mandingueiros, as reuniões nesse local realizam-se desde 2001 de maneira informal; somente em 2009, foi possível obter o reconhecimento jurídico. Quando esse grupo de capoeiristas iniciou suas atividades, havia poucos integrantes. Hoje se observa que há um grande número de pessoas de gênero diferente e idade variada, capoeiristas e não capoeiristas, que vão à praça para prestigiar a roda de capoeira. Segundo o líder do grupo:

O grupo surgiu aqui no Eustáquio Gomes como um projeto, Projeto São Francisco de Assis e esse projeto foi seguindo, foi crescendo a ponto de formar a Irmandade das Gerações Brasileiras. Após algumas conversações, foi constatado que nós deveríamos desmembrar do nome de irmandade, pela questão de dar a entender que tinha uma vinculação religiosa e, por isso, colocamos os Malungos Mandingueiros. (Professor Sururu).

O objetivo do grupo, segundo o professor, é trazer e aplicar políticas públicas que “não saem do papel” – fazendo referência, por exemplo, à legislação em vigor de inclusão da cultura afro-brasileira nos currículos escolares. As reuniões realizam-se em dois dias da semana, cada uma se limitando a 60 minutos. Além disso, segue-se um roteiro, que começa com o aquecimento, depois são dadas as instruções que podem ser movimentos novos ou antigos, ou com instrumentos. Depois do aquecimento e da instrução inicial, realiza-se a roda de capoeira com uma roda de conversa. Para finalizar a reunião, o “professor” sempre recomenda: “Direto para casa, não quero ninguém andando na rua à noite.” Poderia ser essa fala do professor um discurso de salvaguarda em oposição ao discurso construído historicamente de que os capoeiras são vagabundos?

Os grupos de capoeira geralmente obedecem a uma hierarquia. No caso do grupo analisado, obedece à sequência hierárquica de mestre, professor e aluno. Essa classificação pertence à organização característica da capoeira de Angola. Nesse ponto, sobre a questão da hierarquia do Grupo Malungos Mandingueiros, constata-se a influência da institucionalização da capoeira. Conforme destacou Paiva (2007) em seus estudos, depois de ser tomada como uma modalidade esportiva, a capoeira sofreu algumas adaptações desde a nomenclatura até os passos e as músicas, como é o caso do líder do grupo, que é chamado de professor, nome dado a profissionais que atuam na atividade de ensino formal. Por outro lado, muitas histórias, memórias, simbologias são mantidas, outras ressignificadas e repensadas a partir do local, da territorialidade. Na opinião de São Bernardo (2018, p. 231):

A ancestralidade pode ser lida como uma categoria de alteridade. Mais que isso, uma categoria de trans-alteridade, posto que se refere no local de relação, ou seja, do encontro da diferença. A ancestralidade é a categoria que permite entender os territórios desterritorializados que, ao se reconstruir, a exemplo da experiência negra no Brasil, constroem outros territórios capazes de suspender a temporalidade e a linearidade de uma história de cunho progressista e unívoca; ou como a história indígena, cuja própria existência e resistência determinam o local de rasura de uma nação que se pretende homogênea.

Destarte, o professor, líder do grupo, pratica capoeira há quase quatorze anos e ainda não se tornou mestre. Para que isso ocorra, é preciso que ele passe por um processo pelo qual, por seu mestre, será considerado preparado para se tornar mestre. No caso, Sururu é professor e é submetido a um mestre responsável pelo seu reconhecimento e mudança de grau dentro da capoeira; e, assim, a força do coletivo, do pertencimento e das identidades vai forjando-se na experiência vivida.

## **Caminhos trilhados para coleta de dados**

E se as conversas não forem apenas palavras ditas. Foram diálogos sentidos, vividos e histórias amarradas pelos fios dos tempos...

Roseane Amorim

A ancestralidade como produção de memória é produzida no jogo simbólico, no diálogo com o outro, na troca, enfim, no processo de interação. Segundo São Bernardo (2018, p. 233): “Ao longo dos séculos e milênios, diversas civilizações e suas clivagens produziram um repertório empírico e linguístico com status ético-jurídico que se traduz no que estamos chamando de ética-ancestralizada e corporificada no campo da moralidade política.” É nesse campo ético-jurídico que os fios dos tempos se unem e o pertencimento vai ocorrendo. É no espaço-tempo que os diálogos se estabelecem.

Nesse processo de diálogo, nos fios dos tempos, realizamos nossa troca de conhecimentos. Sendo assim, para coletar dados, foi necessário frequentar algumas reuniões para observar, sentir e ouvir os sujeitos, de um ponto de vista geral, conhecendo a história do grupo e seu objetivo de existência. Durante essa convivência, mantivemos conversa com o professor Sururu para obter algumas informações sobre o grupo e a capoeira. No segundo momento, realizou-se uma entrevista com um dos integrantes. Os dados foram coletados por meio de entrevista gravada e posterior transcrição das falas.

O parâmetro de entrevista adotado foi uma adaptação da perspectiva de Szymanski (2008), que parte do pressuposto de que a entrevista tem um caráter de interação humana. A autora destaca que a flexibilidade pode auxiliar na construção do conhecimento em condições de horizontalidade, contribuindo para contornar algumas dificuldades peculiares de um encontro entre duas pessoas, em que uma das partes pretende obter informações a respeito de determinado assunto.

A busca dessa horizontalidade está em reconhecer de forma ética que há igualdade entre os protagonistas da entrevista, que envolve expectativas do entrevistador e o emocional do entrevistado. Seguindo essa lógica, o processo de entrevista envolve a percepção do outro e de si. A entrevista reflexiva atenta para uma relação de igualdade e respeito entre os protagonistas, ou seja, esse procedimento reconhece que ambos, entrevistado e entrevistador, são autores de um conhecimento/hipótese construído após a análise final desenvolvida na pesquisa (SZYMANSKI, 2008).

No desenvolvimento da pesquisa, seguindo a perspectiva de Szymanski (2008), estabeleceram-se algumas etapas que compõem o procedimento de pesquisa, que é a “entrevista semidirigida”, realizada em encontros individuais ou coletivos. Esse procedimento realizou-se quando houve dois dias de observação oficial e inúmeras vezes de observação a distância, pois um dos pesquisadores reside nas proximidades e observa a capoeira dos Malungos Mandingueiros há alguns anos além de conhecer o professor Sururu.

No primeiro dia de observação oficial, fez-se a apresentação dos pesquisadores e da instituição a que pertencem; também houve esclarecimento sobre alguns pontos da pesquisa. Para tanto, estabeleceu-se uma linguagem mais coloquial para melhor compreensão dos participantes. Depois da apresentação, realizaram-se conversas informais especificamente com o líder do Grupo Malungo Mandingueiros e com alguns membros do grupo, porém essas conversas não foram aleatórias, alguns questionamentos gerais se realizaram seguindo o seguinte roteiro: a) Quem é o responsável pelo grupo ou o precursor? b) Qual é a sua formação escolar? c) Qual a sua idade? d) O que é capoeira? e) Quando o grupo iniciou suas atividades na localidade? f) Há quantos anos,

o grupo se manifesta no local? g) O que ele representa para a comunidade? g) Há alguns registros oficiais do grupo de capoeira? h) Que segmento da capoeira é adotado nas aulas?

No decorrer da entrevista, podem surgir outras questões diante da dinâmica imprevisível da entrevista interpessoal. O roteiro de perguntas foi elaborado apenas para servir de guia e não se perder o foco do objeto de pesquisa. No que diz respeito à entrevista individual, realizou-se com o jovem de apelido “Doutor” em dois momentos: entrevista direta e retorno para compreensão dos resultados da entrevista como uma adaptação da proposta de “entrevista reflexiva” na ótica de Szymanski (2008).

No primeiro momento da entrevista individual, solicitou-se um momento à parte com o Doutor para uma conversa e foram anotadas algumas informações a mais que surgiram no bate-papo. As perguntas referem-se à relação com o saber tais como: a) Qual é sua idade e formação escolar? b) O que é capoeira? c) Qual é o significado da praça onde se realizam os encontros? d) O que você aprende em uma roda de capoeira? e) Qual é o significado desses saberes adquiridos na roda de capoeira para sua vida? f) O que motiva seguir com o grupo de capoeira? g) Na sua opinião, o que é ser jovem capoeirista em nossa sociedade?

O segundo momento da entrevista individual foi no encontro, no qual foram expostas ao Doutor as considerações realizadas com a entrevista para que ele contribuísse com reformulações de ideias, acréscimo de informações ou, até, discordasse de algo que não estivesse de acordo com seu pensamento. Esse momento segue o que Szymanski (2008, p. 52) chama de momento para reflexão, como um último momento da primeira parte, que é a devolução: “trata-se da exposição posterior da compreensão do entrevistador sobre a experiência relatada pelo entrevistado”, momento importante para o equilíbrio do poder da relação entrevistador e entrevistado.

É na devolução que ocorrem as trocas de aprovação ou negação das hipóteses acerca da interpretação das falas e um momento de esclarecimento de observações feitas pelos entrevistados. Esse momento é rico em reflexão tanto para o pesquisador quanto para o entrevistado.

Para análise da fala do jovem Doutor, inicialmente, fez-se uma revisão de literatura sob o olhar de Sharon Walker (2015), que propõe uma revisão de literatura dialógica e criativa, a qual promove um diálogo entre os teóricos, estudos já realizados sobre a temática, autores do texto/artigo, e, por que não, os leitores. Nessa concepção de revisão todos esses sujeitos podem ser considerados membros de uma mesma comunidade temática, por terem objetos de estudo semelhantes e ligados à mesma temática.

Diante do que foi exposto, a escolha dos entrevistados foi por objetivos diferentes. O professor Sururu foi escolhido por nos fornecer dados mais gerais sobre o grupo para caracterização do Grupo Malungos Mandingueiros, e para a contextualização da fala do jovem membro do grupo que nos forneceu dados específicos sobre a relação com o saber na roda de capoeira. Além disso, estabeleceram-se algumas categorias de análise para mais bem analisar a fala dos entrevistados, a saber: compreensão do que é capoeira, a praça como espaço para manifestação e socialização de saberes, relações com o saber na roda de capoeira.

O jovem entrevistado frequenta o grupo há pouco tempo, encontrando-se no nível hierárquico de aluno. Conforme mencionado, seu nome na roda de capoeira é Doutor, e esse é o nome que iremos nos referir ao entrevistado. O jovem tem 27 anos, é formado em História pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e reside nas proximidades da praça onde se realizam as reuniões do Grupo Malungos Mandingueiros. Vejamos a seguir a concepção que adotamos acerca da roda de capoeira como espaço formador e, logo em seguida, veremos como na roda de capoeira ocorre a relação com o saber conforme a fala do jovem Doutor.

## **A roda de capoeira como espaço formador**

Art. 1.º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas **manifestações culturais**.

(BRASIL, 1996, grifo nosso).

Iniciamos esta seção com a concepção de educação tratada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n.º 9.694/96), de 20 de dezembro de 1996, que reconhece as manifestações culturais como um espaço onde ocorrem processos formativos. O conceito de educação expresso na LDBEN em vigência nos leva a compreender o contexto da educação em uma perspectiva mais ampla, pois é muito comum encontrar na literatura acadêmica a palavra “educação” como sinônimo de escolarização, como se a escola fosse o único local onde os sujeitos pudessem ser formados.

Carlos Brandão (1981), em seu livro *O que é educação*, afirma que não existe uma única educação, mas “educações”. A escola, para o autor, não é o único espaço de formação do sujeito, há lugares como a igreja, a família, a rua e, por que não, a praça onde se realizam os encontros de capoeiristas?

A capoeira é mais que uma luta ou dança, como é vista por muitos. É um espaço de formação, em que ocorre a troca de saberes, os sujeitos se manifestam e constroem sua identidade como pertencentes a uma comunidade étnico-cultural.

Segundo Paiva (2007, p. 13), a capoeira pode ser associada a fatos, acontecimentos e à história. “Ao longo da sua existência, ela tem desempenhado papéis: social, político e cultural. Ora identificada/identificados (capoeira e capoeiristas) com a ordem, ora como desordem. Ora lutando pelos seus, ora do lado de lá.” Seguindo essa reflexão, a autora menciona que há indícios da presença de capoeiristas na famosa Guerra do Paraguai (1865-1870) e em revoltas como na Revolta da Vacina (1904).

Quando pensamos em capoeira, o que vem a nossa mente quando associamos sua origem a uma atividade de resistência contra os opressores senhores de escravos? Na verdade, isso é muito relativo. Estudos como o de Paiva (2007) nos mostram que nem sempre os capoeiras eram negros contra o sistema opressor, existiam capoeiras que se juntavam aos políticos para lhes servir de capanga. Conforme explica Soares (2004, p. 17):

[...] ao mesmo tempo em que enfrentavam o aparato policial e a ordem escravista, o capoeira participava ativamente, como capangas dos senhores da Côrte, e mesmo incorporavam termos e trejeitos do vocabulário pedante de juízes e doutores da política da época.

A capoeira, inicialmente, foi arma dos negros escravizados. Possivelmente, era praticada em senzalas e quilombos. A literatura sobre capoeira no século 19 faz alusão de que ela era praticada nas ruas dos centros urbanos do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, São Luiz e Belém. Nesse período a capoeira era considerada um problema de segurança pública.

No Brasil República (início do século 20), a perseguição à atividade da capoeira intensificou-se, podendo ser expressa e documentada no Código Penal Brasileiro de 1890, que criminaliza a prática condenando entre dois a seis meses de prisão aqueles que fossem pegos praticando a capoeira. Deixou de ser crime em 1937 no período da Era Vargas, por interesse meramente político, podendo ser praticada em lugares fechados, obedecendo a normas e regras. Na verdade, foi uma liberação vigiada.

Depois de muitas mudanças e adaptações vivenciadas no período da ilegalidade, duas modalidades de capoeira passaram a ser as mais difundidas nos anos 1930 (pós-legalização) segundo Paiva (2007), a Capoeira de Angola e a Capoeira Regional.

Durante algumas décadas só se ouvia falar dessas duas expressividades de Capoeira. Hoje, encontramos capoeiristas se referindo a uma outra Capoeira que não se identifica com a Regional e nem com a Angola, embora se utilize de elementos das duas. É a chamada Capoeira Contemporânea. (PAIVA, 2007, p. 54).

Angoleiros, regionais, contemporâneos constroem um discurso de identidade, de qualificação e de classificação sobre o que fazem. Na capoeira, além de se ensinar movimentos,

ensina-se a sua história, e nesse contar as classificações são elaboradas, as definições do que venha a ser capoeira são manifestadas.

Em meio à ordem e desordem, tradição e transformação, continuidades e descontinuidades, a capoeira foi estruturando-se e resistindo até os dias atuais, e hoje pode ser considerada uma manifestação cultural popular. Ela atualmente existe, mas não como no contexto do século passado.

Quem poderia imaginar, nas primeiras décadas do século XX, que a capoeira pudesse chegar a ocupar o lugar que tem hoje? De repudiar, perseguida, proibida e reprimida [...] passa a ser aceita e construída como um dos ícones da identidade nacional; e motivo de orgulho. (PAIVA, 2007, p. 43).

A capoeira foi instituída como esporte em 1953 pelo presidente Getúlio Vargas, e algum tempo depois, passou a ser modalidade esportiva nas escolas e produto de exportação e turístico.

Nesse contexto, a capoeira se institucionalizou e se estendeu por diversos espaços, ampliando seu público; o que antes estava restrito a negros do sexo masculino, pertencentes a comunidades de poder aquisitivo baixo, agora é praticado por todos, incluindo as mulheres, crianças e pessoas ligadas à elite, pois, à medida que se reconhece a cultura popular brasileira como elemento de comercialização, maior é a sua procura e divulgação.

A atividade da capoeira foi muito celebrada no meio urbano. Antes, as ruas e os becos eram os locais de sua manifestação, mas hoje encontramos capoeiristas na rua, na praça, na escola, na academia e nas universidades. Isso graças ao reconhecimento da capoeira como parte da cultura popular, sendo reconhecida como parte da formação da identidade brasileira, como o samba e as religiões de matriz afro-brasileira.

A Capoeira foi vivenciando um processo de redefinição dos seus cenários e de seus autores, o que lhe possibilitou a ocupação de novos espaços sociais. As academias, as escolas – pública e privada –, as universidades, incorporaram, inauguraram um novo espaço para a prática da Capoeira. Hoje, qualquer pessoa que queira praticar capoeira pode se inscrever em uma academia do bairro, em clubes ou associações de moradores – espaços considerados não formais de ensino – como também, escolher entre tantas outras modalidades oferecidas em escolas particulares e públicas. (PAIVA, 2007, p. 83).

Mesmo existindo espaços formais para se ensinar a capoeira, as ruas continuam sendo reivindicadas por grupos de capoeiristas, como é o caso do grupo analisado neste trabalho. Nesse sentido, podemos perceber que existem capoeiras ensinadas em espaços formais e capoeiras ensinadas em espaços não formais. Cada uma carrega características diferentes desde a nomenclatura, musicalidade, hierarquia, até a organização.

Depois de a capoeira ter sido institucionalizada, alguns termos, como professor, foram introduzidos no vocabulário e outros termos originários da capoeira tradicional foram aos poucos substituídos (PAIVA, 2007).

A presença da capoeira nas escolas públicas ou privadas é um fato em alguns estados do Brasil, conforme os estudos de Paiva (2007), porém, em Alagoas, especificamente na cidade de Maceió, são poucas as escolas que disponibilizam a capoeira como atividade esportiva e cultural. Estudos dedicados à temática da Capoeira na escola enfatizam a importância dessa atividade para os participantes de diferentes faixas etárias. Mediante os movimentos da capoeira, “desenvolve-se a criatividade, o interesse pela arte e cultura, proporcionando assim uma mudança de comportamento devido as múltiplas experiências vivenciadas” (CAMPOS, 2013, p. 43). Além desses elementos, os responsáveis por ensinar capoeira destacam aprendizados como segurança, concentração, reflexo, interação, disciplina e confiança.

Sendo um elemento da cultura afro-brasileira, a capoeira deveria ser inclusa no currículo oficial conforme as Leis n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, e n.º 11.645 de 10 de março de 2008. A capoeira não faz parte dos currículos das escolas, ela é oferecida como uma atividade opcional por oficinas ou por projetos. Além desse fato, a capoeira ensinada nas escolas está atrelada ao viés

esportivo, não sendo trabalhada nas relações culturais.

A capoeira chama a atenção pelo movimento e pela musicalidade, é difícil não se envolver ao presenciar uma roda de capoeira.

## **A relação com o saber na roda de capoeira dos Malungos Mandingueiros**

Vimos que a roda de capoeira, como espaço de manifestação da cultura popular, é considerada pela legislação educacional em vigor um lócus de formação, em que a relação com o saber se estabelece entre seus membros e com a comunidade. Para compreender como isso ocorre na roda de capoeira, precisamos refletir sobre algumas questões relacionadas com a condição de ser humano referenciada por Bernard Charlot (2000; 2001). Depois de esclarecida nossa perspectiva de relação com o saber, passaremos à análise da fala do jovem capoeirista Doutor.

### **A condição humana de ser obrigado a aprender para ser**

A questão da relação com o saber não é nova. [...] A questão da relação com o saber científico também não é nova. [...] a expressão 'relação com o saber' também não.

(CHARLOT, 2001, p. 35-36)

A citação de Charlot referenciada acima nos remete à reflexão de que a questão do saber não é uma afiliação de pesquisas recentes. Segundo ele, a preocupação com a relação com o saber pode ser vista desde a Grécia Antiga conforme a fala de Sócrates: "Conhece-te a ti mesmo." Quanto à relação com o saber científico, cita-se como referência a obra epistemológica de Bachelard, que, em 1938, publicou o livro *A formação do espírito científico*. A expressão "relação com o saber" pode ser encontrada em estudos desenvolvidos por psicanalistas e sociólogos nos anos de 1960 e 1970.

Para além da busca pelas origens da preocupação da relação com o saber ou da expressão "relação com o saber", Charlot (2001) faz essa relação histórica não para saber a paternidade da expressão "relação com o saber"; na verdade, o que o interessa nesse resgate é compreender em que esse conceito renova questões antigas ou no que pode ser considerado novo.

Diante desse contexto, Charlot (2000, p. 51) afirma: "[...] a condição primacial do indivíduo humano deveria ser o fundamento basilar de qualquer teoria da educação, qualquer que seja a disciplina a que se filie." Que condição é essa? A condição para ser humano é a obrigação de aprender para ser. Ao nascer, o ser humano ingressa no mundo em que está submetido à obrigação de aprender, pois nasce como o ser em construção e para sobreviver no mundo, ele precisa aprender para conviver e ser no mesmo mundo que já existia antes de ele nascer.

O que diferencia o homem, no sentido ser humano, dos animais? Os animais selvagens nascem em um mundo que os obriga a usar o instinto para sobreviver, ele é impulsionado a caçar para comer; já o homem, nasce como um ser prematuro, dependente para se alimentar por exemplo.

Segundo Charlot (2000), a prematuração humana é o que faz a condição humana. O homem nasce em um mundo pré-existente, já estruturado, e são as relações sociais que impõem o que aprender para ser e conviver na sociedade, que já tem uma estrutura, organização, normas de convivência entre outras características.

Ainda na perspectiva de Charlot (2001), é necessário que consideremos a condição humana, mas para compreender as dimensões da educação humana que têm como propósito a apropriação parcial de uma essência excêntrica do homem, ou seja, para além de si ou fora de si. Entre as condições citadas pelo sociólogo: o homem é um ausente de si mesmo (a ausência de si é constituída do desejo, que, na realidade, é o desejo de si, do que lhe falta); o homem é uma presença fora de si (relações com o outro); o homem está presente também sob forma de um mundo (o mundo pré-existente com estrutura, história, normas concretizadas). Nesse sentido:

Nascer é penetrar nessa condição humana. Entrar em uma história, a história singular de um sujeito inscrita na história maior da espécie humana. Entrar em um conjunto de relações e interações com outros homens. Entrar em um mundo onde ocupa um lugar (inclusive, social) e onde será necessário exercer uma atividade. (CHARLOT, 2000, p. 53).

Seguindo o pensamento da citação, esse processo de educação tem como base a condição humana de obrigatoriedade de aprender para ser, a relação é um processo que ocorre com o tempo e implica atividade. Para mais bem esclarecer as relações com o saber, o autor se apoia em três conceitos: mobilização, atividade e sentido. Conceitos que nos ajudam a compreender como em uma roda de capoeira é possível aprender.

Quando se fala em mobilização, pensamos em movimento, mas há também quem pense em motivação, mas são expressões que estão em um campo semântico diferente. A mobilização é um movimento de dentro para fora, ou seja, mobiliza-se (desejos de). A motivação é o movimento de fora para dentro, alguém o motiva ou motiva por algo. A questão da mobilização não se limita somente ao movimento de dentro para fora, mas pode ser associada a outros conceitos como o de recursos (pôr-se em movimento) e móbil – uma razão para pôr-se em movimento, ou seja, motivo para agir (CHARLOT, 2001).

Diante do conceito de mobilização, recursos e móbil, a atividade se define como “um conjunto de ações propulsionadas por um móbil e que visam a uma meta. [...] as ações são operações implementadas durante a atividade. A meta é o resultado que essas ações permitem alcançar” (CHARLOT, 2000, p. 55). A criança mobiliza-se em uma atividade quando sente desejo, ela tem sentido ou um valor; por meio dos móveis, são traçadas metas. A criança se movimenta e utiliza a si própria como recurso. Como seres humanos incompletos, não acabados, os sujeitos precisam estar em relação com o mundo pela mediação dos outros e realização de atividades (CHARLOT, 2001; REIS; SILVA, 2015; REIS, 2021). Compreender o que induz o processo de mobilização de jovens em relação a determinado tipo de atividade “implica buscar a compreensão dos processos que permitem ao sujeito se engajarem em aprendizagens, que tanto são colocadas em movimento pelas metas desejáveis no mundo, como pelo modo singular de dar sentido aos significados culturais” (REIS, 2014, p. 2-3).

Diante desses esclarecimentos, o que mobiliza um jovem a frequentar uma roda de capoeira? Já que esses jovens que frequentam o grupo de capoeira estão inseridos em um mundo que já tem um conceito sobre essa atividade, que, como vimos em seções anteriores, historicamente, foi considerada uma atividade de vadiagem e sem valor, mesmo após a sua institucionalização, encontramos muitos preconceitos sobre a cultura afro-brasileira. Será que o desejo de pertencer a um grupo e toda força da simbologia permeada pelas histórias contadas pela ancestralidade não são um elemento fundante nesse processo de inclusão desses jovens? Parece que sim.

“Realizar pesquisas sobre a relação com o saber é buscar compreender como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e transforma a si próprio: um sujeito indissociavelmente humano, social e singular.” (CHARLOT, 2005, p. 41).

Partindo desse pressuposto, este trabalho buscou compreender as relações com o saber desenvolvidas na roda de capoeira de um jovem capoeirista na comunidade do bairro da Cidade Universitária de Maceió.

## **A capoeira para um jovem da periferia de Maceió**

Mundo enganador  
(Mestre Barrão)

|   |   |
|---|---|
| <p>Oi vivemos aqui nessa terra<br/>Lutando pra sobreviver<br/><b>O Lugar onde poucos têm muito<br/>E muito sem ter o que comer<br/>Olhando isso eu fico triste</b><br/>Me pergunto qual é a solução?<br/><b>Estou feliz por ter a capoeira<br/>Como forma de expressão</b><br/><b>Capoeira é uma arte<br/>E arte é obra de Deus</b></p> <p><b>Nesta terra eu não tenho muito<br/>Mas tudo que eu tenho foi Deus que me deu</b></p> <p><b>Nesta terra eu não tenho muito<br/>Mas tudo que eu tenho foi Deus que me deu</b></p> | <p>Eu tenho um canarinho cantador<br/>Berimbau afinado e um cavalo chotão<br/>E um carinho da morena faceira que me deu<br/>Seu amor e o menino chorão<br/>Ah! Meu Deus quando eu partir<br/><b>Desse mundo enganador<br/>Pra meu filho eu deixarei<br/>Uma coisa de valor, é é é</b></p> <p>Não é dinheiro, não é ouro, não é prata.<br/>É um berimbau maneiro que eu ganhei do meu avô<br/>Não é dinheiro, não é ouro, não é prata.<br/>É um berimbau maneiro que eu ganhei do meu avô</p> <p>Ô, ô, ô, Meu berimbau que toca lúna e benguela<br/>Toca paz, e toca guerra e toca até chula de amor [...] (Grifos nossos)</p> |
|---|---|

Na capoeira, existem quatro tipos de música: a ladainha, o corrido, a quadra e a chula. Para Doutor, nosso entrevistado, a ladainha é que mais ensina valores e a cultura brasileira. “Quando uma ladainha é cantada pelo mestre ou professor, os alunos ficam sentados na roda ouvindo.” (Doutor). A ladainha *Mundo enganador*, referenciada acima, é considerada uma das letras que mais nos ajudam a refletir sobre as desigualdades sociais e contribui para os processos de empoderamento com relação à capoeira.

A letra fala de um lugar “onde poucos têm muito, e muito sem ter o que comer”, e assim revela a indignação do narrador com as desigualdades tão presentes neste mundo enganador. Mais adiante, ele diz que deixará um berimbau afinado e um cavalo chotão como herança para seu filho. É interessante observar as significações atribuídas ao berimbau, que vale mais que ouro e prata. O berimbau representa a relação do narrador com a capoeira, em que ela é considerada como um ensinamento de valor passado de pai para filho, desde seu avô. O compositor da ladainha está feliz por ter a capoeira, que, para ele, é uma arte, uma forma de expressão, uma obra de Deus.

Para analisar a fala do jovem Doutor, membro do grupo de capoeiristas Malungos Mandingueiros, é preciso pensar na juventude. Sem querer aprofundar sobre o assunto, em razão do objetivo deste trabalho, tomamos a perspectiva de Sociologia da Juventude. Na concepção de Pais (1990), a Sociologia da Juventude tem trilhado por duas linhas; uma delas considera a juventude como uma fase da vida dos indivíduos em dada faixa etária, buscando aspectos uniformes e homogêneos da cultura juvenil; já a outra linha de pensamento, observa a diversidade das culturas juvenis considerando as variáveis como as diferenças econômicas, ocupacionais e de interesses.

Nesse sentido, é necessário partir da compreensão do lugar que esse jovem capoeirista ocupa, um lugar com base na sua ancestralidade, suas histórias e memórias dos seus antepassados. Não é possível olhar para o jovem e resumi-lo a uma concepção que seja estática, invariável e atemporal, conforme há estudos que denominam os jovens dessa forma. Os grupos aos quais pertencem esses sujeitos podem ter interesses em comum, mas não são os mesmos, há diferenças em relação a classes sociais, pensamentos (filosofias de vida) e épocas diferentes. Há, na verdade, um jogo de subjetividades no que diz respeito a grupos de jovens. Seguindo essa lógica, o ideal não é denominar juventude, mas “juventudes”.

Diante dessas reflexões sobre juventude, cabe ressaltar que este trabalho se limitou a ouvir um jovem capoeirista, por isso, não representa a totalidade de um jovem capoeirista na cidade de Maceió. Contudo, a entrevista feita com Doutor nos ajuda a pensar como o jovem se relaciona com os saberes presentes na roda de capoeira. A análise dos argumentos de um dos membros do grupo de capoeira observados divide-se em algumas categorias: compreensão do que é capoeira,

a praça como espaço para manifestação e socialização de saberes, e relações com o saber na roda de capoeira.

O entrevistado explica que está dando os primeiros passos na roda de capoeira. Para ele, a capoeira é uma cultura que envolve diversas manifestações e faz a seguinte comparação com o hip-hop:

Para a gente compreender, ou fazendo uma comparação [...] o hip-hop é uma cultura que tem sua manifestação na música através do rap, da dança, do desenho através do grafite [...] e a capoeira também vai ter diversas manifestações, na sua musicalidade, com o seu canto, sua condição bélica como luta e com a sua sabedoria transmitida na roda em si, que agrega todos esses movimentos. O hip-hop tem suas manifestações separadas, e a capoeira tem sua manifestação muito mais fluida, muito mais unida em seus diversos elementos. (DOUTOR).

Segundo Doutor, o canto e o som dos instrumentos estão unidos e também sincronizados com os movimentos acrobáticos. A capoeira, seguindo essa linha de pensamento do jovem capoeirista, é composta por todos esses elementos que ele denomina de movimentos e manifestações. Conforme Paiva (2007), a capoeira é um conceito complexo e difícil de se definir em razão das variadas ramificações e adaptações que ela sofreu ao longo do tempo. São séculos de história, de sobrevivência em uma sociedade que construiu uma concepção negativa da capoeira, ou qualquer manifestação cultural afro-brasileira.

A capoeira, segundo o professor Sururu em uma das conversas na roda, surgiu no Período Colonial e serviu de instrumento de resistência para os negros, para eles se defenderem da opressão dos senhores de escravos. No dizer de Oliveira (2012, p. 40): “Fruto do agora, a ancestralidade ressignifica o tempo de ontem.” Nesse processo, a própria praça é um espaço de busca dessa ancestralidade por meio da ação comunitária. Dessa forma, diz o nosso entrevistado:

A praça é um ambiente de convívio da comunidade. Quando vai ter grupo de capoeira, vão tomar parte daquele espaço de convívio. É interessante observar que, quando tem outras atividades, como jogar bola na área reservada para futebol de areia, ou coisa do tipo, em geral, as pessoas têm alguma coisa a ver com aquela atividade, elas não prestam atenção, porém, quando é a capoeira, mesmo as pessoas que não pretendem praticar, ficam olhando, prestam atenção na música, presta atenção na roda, ficam observando. Às vezes levam as crianças para verem. Batem palmas durante a roda [...]. Eu acho interessante essa forma que atrai, não querendo menosprezar qualquer outra atividade que é feita também na praça, mas a capoeira chama a atenção, mesmo dos não ‘praticadores’ da capoeira. (DOUTOR).

A praça é um espaço público de encontros. Doutor ressaltou um elemento importante, “a praça é um ambiente de convívio da comunidade”, onde se realizam várias atividades. Quando a roda de capoeira é aberta, as pessoas não resistem ao som e aos movimentos. À medida que ela atrai olhares curiosos e apoiadores, também encontra pessoas com medo, acreditando ser magia negra ou algo desse tipo. Preconceito ainda presente na sociedade.

Conforme Paiva (2007), a capoeira de rua é uma das modalidades que representam a capoeira tradicional, dos primeiros capoeiristas. Após a institucionalização, ela sai das ruas e becos e vai para espaços mais fechados como as academias. A capoeira de rua, mesmo no período da ilegalidade, era uma forma de expressão dos negros, e, hoje, ela resiste em meio ao processo de

institucionalização. No dizer do nosso capoeirista, “o que motiva na capoeira são várias coisas, principalmente a aprendizagem em si” (Doutor).

Na roda de capoeira se aprende muita coisa, desde o básico, o esperado; você vai aprender a movimentação, vai aprender autodefesa, como chutar, como esquivar, você vai aprender a cantar, você vai aprender a tocar diversos instrumentos. (Doutor).

O argumento do capoeirista entrevistado, a princípio, destaca a relação com o saber estabelecida por ele no grupo de capoeira. Ele destaca saberes práticos disseminados na roda, saberes esses que favorecem o ensino da técnica, remetendo a compreensão da capoeira como uma modalidade esportiva, sem muita relação com a essência cultural da capoeira. No entanto, Doutor continua sua narrativa destacando os saberes, os quais ele considera como os mais importantes, pois são saberes que ele leva para a vida:

A capoeira também tem a tradição de aprender sobre outros capoeiras e sobre a história da capoeira, isso ajuda a entender a evolução da capoeira e da própria sociedade com relação à prática da capoeira, tem todos esses saberes básicos que são nítidos, é o que se espera de imediato. Porém, existe todo um outro saber, que é mais implícito, que está mais envolvido com a vida em si, por exemplo: que cada pessoa tem sua personalidade, que tudo tem seu momento, que tem suas regras, que tem pessoas que vão ser mais maliciosas e que vocês têm de ficar esperto, tem de prestar atenção. Tem pessoas que gostam mais de brincar, tem aqueles que vão gostar de brincar com vocês, mas com outro, não. Tem pessoas que vão querer ser mais agressivas na roda como uma forma de querer se amostrar, de querer aparecer, de querer ser mais. (DOUTOR).

A história da capoeira é passada na roda, assim como as concepções da capoeira são disseminadas pela sociedade. Para além de uma técnica, a capoeira é um espaço de formação e resistência. Ela foi por muito tempo o único local de aprendizado para os negros escravizados por meio da música e de rodas de conversa. Hoje, ela atua como uma atividade reconhecida e pouco valorizada, por carregar uma imagem negativa desde sua concepção. Fato que pode ser constatado na ausência dela nas instituições de ensino formal, em especial na escola. Quanto à valorização da capoeira, Doutor nos ajuda a refletir:

A capoeira em si não dá dinheiro nem é arte *pop star*, como essas artes de MMA, box e jiu-jitsu, porém o saber que ela está alicerçando, as lições de vida, o modo de saber lidar com as pessoas, é tudo que o dinheiro não pode dar.

Os valores tratados na ladainha que iniciou esta seção coincidem com o relato do jovem capoeirista. A capoeira transmite valores que formam identidades, ou melhor, subjetividades. Para Doutor, a capoeira é um espaço de manifestação, de troca, de conhecimento de si e do outro. Ele afirma que sempre foi muito tímido, não era de falar em público, e a convivência na roda de capoeira o ajudou a superar esse medo, pois quando fala, todos escutam e respeitam.

Seu nome na roda é Doutor, porque ele começou a falar sobre o que sabia e o que queria ali, naquele círculo no meio de uma praça, e o professor achou que ele era um rapaz de muito conhecimento, lembrando um doutor da universidade, quem sabe, graças à sua formação em História.

Diante do exposto do que se aprende na roda de capoeira, salientamos que os saberes destacados pelo jovem capoeirista se relacionam com a necessidade de convívio na sociedade;

saber lidar com os outros é um argumento constante no discurso do Doutor. “Nascer é ingressar no mundo no qual estar-se-á submetido à obrigação de aprender. Ninguém pode escapar dessa obrigação, pois o sujeito só pode ‘tornar-se’ apropriando-se do mundo.” (CHARLOT, 2000, p. 59). Ou seja, aprender a conviver é um saber ainda submetido aos valores da sociedade, e não, necessariamente, um saber ligado à cultura a que a capoeira pertence.

Na sociedade, os modos de compreender o mundo, os outros e a si mesmo são construídos em um mundo onde os diferentes saberes e práticas estão em disputa, em tensão. As atividades das quais participamos, que produzem os sentidos para nossa formação, fazem parte de um contexto histórico, político e social; têm suas lógicas específicas, produzidas historicamente, que podem estar relacionadas com os modos dominantes de compreender o mundo, com individualismo, valores etnocêntricos; ou podem relacionar-se com outras lógicas de compreensão do mundo, fundamentadas no diálogo, na coletividade, na resistência de valorização dos saberes ancestrais.

A atividade da capoeira, portanto, no sentido apresentado por Doutor, para além da aprendizagem das técnicas corporais, pretende contribuir para determinado tipo de formação dos sujeitos que dela participam, que ele denomina como formação que prioriza as referências afro-brasileiras, a valorização da vida, aprendizagens, um espaço formativo que produz reconhecimento identitário para aqueles que dele participam.

As mobilizações que envolvem o capoeirista podem ser vistas na necessidade dele em ir às reuniões e participar do grupo. O grupo tem um valor simbólico e permite que os jovens que o frequentam tenham uma relação de pertencimento, a qual pode ser vista na forma como os integrantes se referem à atividade. “Adquirir saber permite assegurar-se um certo domínio do mundo no qual se vive, comunicar-se com outros seres e partilhar o mundo com eles, viver certas experiências e, assim, tornar-se maior, tornar-se mais seguro de si, mais independente.” (CHARLOT, 2000, p. 60).

Conforme salientamos em uma das epígrafes, o olhar de fora (ao passado) remete ao olhar de dentro (para o presente), e nesse processo há um encontro conosco e com o outro. A força de nossos ancestrais retorna com uma magia inexplicável.

## Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo fazer uma breve reflexão sobre a relação com o saber traçada na roda de capoeira do Grupo Malungo Mandingueiros na cidade de Maceió, Alagoas. Trouxemos a categoria da ancestralidade como um dos elementos essenciais para compreender a força da capoeira. O jovem entrevistado, chamado de Doutor, revelou em seus argumentos vivências e experiências significativas para ele, em especial, em relação às atividades vivenciadas na capoeira, com suas contribuições para sua relação com o saber. Entre os saberes mais citados, esteve o saber lidar com os outros, princípio típico da perspectiva da diversidade pregada pela cultura afro-brasileira.

Os saberes aprendidos na roda, seja por meio da música, dos movimentos, dos golpes, seja mesmo no momento da roda, permitiram que Doutor encontrasse um espaço acolhedor, de reconhecimento de si como portador de saberes, como também que ele superasse a timidez e ficasse conhecido pela forma de falar e contar histórias na roda. Para além do ensino de uma técnica de luta ou dança, a capoeira é uma importante manifestação da cultura brasileira.

Enfim, ao concluir o trabalho, compreendemos que a capoeira, como instrumento da ancestralidade, permite o fortalecimento da identidade, do pertencimento e da subjetividade dos jovens negros e não negros, permitindo maior posicionamento da pessoa na sociedade.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **La formation de l'esprit scientifique**: contribution à une psychanalyse de la connaissance objective. Paris: Vrin, 1938.

BESSA, Alberto. **A giria portuguesa**: esboço de dicionário de 'calão'. Prefácio de Dr. Theophilo Braga. Lisboa: Livraria Central de Gomes de Carvalho, 1901. (A Linguagem Popular, 1).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

CAMPOS, Eleni Fernandes Gonçalves. **A prática da capoeira em âmbito escolar**. 2013. 43 f. Orientadora: Juliana Fonseca Duarte. Monografia (Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8900/1/2013\\_EleniFernandesGoncalvesCampos.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8900/1/2013_EleniFernandesGoncalvesCampos.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução de Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Os jovens e o saber**: perspectivas mundiais. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; OLIVEIRA, Adson Rodrigues; ARAÚJO, Serinaldo. Corpo, poética e ancestralidade: uma entrevista com Eduardo Oliveira. **Revista Odeere**, Vitória da Conquista, Bahia, v. 5, n. 9, jan.-jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6440>. Acesso em: 18 abr. 2021.

IMBROISI, Margaret; MARTINS, Simone. Johann Moritz Rugendas. **História das Artes**, 2016. Disponível em: <https://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/johann-moritz-rugendas/>. Acesso em: 18 abr. 2021.

MACHADO, Antonio. **Poesias completas**. Madrid: Espasa-Calpe, 1991. Disponível em: [http://www.iesseneca.net/iesseneca/IMG/pdf/POESIAS\\_COMPLETAS\\_Antonio\\_Machado.pdf](http://www.iesseneca.net/iesseneca/IMG/pdf/POESIAS_COMPLETAS_Antonio_Machado.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia da ancestralidade como filosofia africana: educação e cultura afro-brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, n. 18, p. 28-47, maio-out./2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4456>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, v. 25, p. 105-106, 1990 (1.º, 2.º), p. 139-165.

PAIVA, Ilnete Porpino de. **A capoeira e os mestres**. 2007. 166 f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/Associacaoraizesslz/a-capoeira-e-os-mestres>. Acesso em: 21 dez. 2021.

REIS, Rosemeire. Aprender na escola: elementos para reflexão. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE, 8., 2014, São Cristóvão, Sergipe. Anais [...]. **Educon**, Aracaju, v. 8, n. 1, p. 1-9, set. 2014. Disponível em: [http://anais.educonse.com.br/2014/aprender\\_na\\_escola\\_elementos\\_para\\_reflexao.pdf](http://anais.educonse.com.br/2014/aprender_na_escola_elementos_para_reflexao.pdf). Acesso em: 18 abr. 2021.

REIS, Rosemeire; SILVA, Veleida Anahí da. Diferentes modos de aprender: relação com o saber e com os saberes. *In*: SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). **Políticas, currículos, aprendizagens e saberes**. Fortaleza: EdUECE, 2015. p. 213-242.

REIS, Rosemeire. **Relação com o saber de jovens do ensino médio**: modos de apreender que se encontram e se confrontam. Curitiba: Appris, 2021.

SÃO BERNARDO, Augusto Sérgio dos Santos. A lenda e a lei: a ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo. **Revista Odeere**, Vitória da Conquista, Bahia, v. 3, n. 6, p. 226-250, jul.-dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4422/3622>. Acesso em: 19 abr. 2021.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. O poder da capoeira: navalhas e rabos-de-arraia na luta política no Rio antigo. **Revista Nossa História**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 14-20, 4 mar. 2004.

SZYMANSKI, Heloisa (org.). **A entrevista na pesquisa em educação**: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livros, 2008.

WALKER, Sharon. Literature reviews: generative and transformative textual conversations. **FQS**, v. 16, n. 3, p. 1-13, 2015.

Recebido em: 26 de abril de 2021.

Aceito em: 21 de março de 2022.